

DOBRAR A NATUREZA, DIVINIZAR-SE

Ulisses na corte dos feácios

TO BEND NATURE, TO DEIFY ONESELF: ULYSSES AT THE PHAEACIAN COURT

Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa*
Universidade Federal de Minas Gerais

Fábio de Souza Lessa**
Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO

O ensaio consiste em reflexões literárias e históricas sobre os esportes nos arquivos-poemas homéricos, priorizando-se as histórias de guerra e regresso do aedo grego e não o elogio ou a análise de desempenhos físicos de críticos e espectadores de competições. Buscamos, na esteira de Hans Ulrich Gumbrecht, captar o espaço sagrado dos jogos a partir da intimidade entre Ulisses e a deusa estrategista Atena.

PALAVRAS-CHAVE

Competições atléticas, jogos, poemas homéricos

Nós, os acadêmicos – espectadores ou não dos atletas –, incorremos em atos arriscados ao discorrer sobre esportes; isto é o que nos adverte Hans Ulrich Gumbrecht em *Elogio da beleza atlética*. O crítico literário alemão – que é também um aficionado em desportos – é duro conosco e não tem eufemismos. São dele as palavras que citamos abaixo:

Em vez de fazer elogios à beleza atlética, muitos discursos sobre esportes dos intelectuais de hoje diminuem, e às vezes chegam a condenar, a significância dos atletas famosos.
(...)

A coisa fica bem pior quando os acadêmicos abrem seus *laptops* para escrever sobre esportes. Quando intelectuais, mesmo que sejam intelectuais que adoram esporte, aplicam aos eventos esportivos as ferramentas nas quais foram treinados, eles com frequência se sentem obrigados a interpretar o esporte como um sintoma de tendências altamente indesejáveis. Alguns críticos acadêmicos chegaram até a denunciar que o esporte é uma conspiração biopolítica originária da delegação do poder estatal a micropoderes autorreflexivos.¹

* tereza.virginia.ribeiro.barbosa@gmail.com

** fslessa@uol.com.br

¹ GUMBRECHT. *Elogio da beleza atlética*, p. 27.

Sim; talvez, ao entrar nesse jogo, corramos riscos, e trata-se, afinal, do mesmo perigo que ameaça Gumbrecht. Mas nós, professores de Minas Gerais e do Rio de Janeiro, temos um agravante: não somos entusiastas nem frequentadores assíduos de estádios e ginásios, como o professor germânico, que dá aulas em Stanford, EUA. Não obstante, a descrição dessas práticas seculares nos atrai, nos fascina; até altas madrugadas costumamos ficar a contemplar as imagens dos heróis forjadas nas letras e ritmos dos poetas e, se discordamos do renomado estudioso quanto a encarecer a práxis das competições de seres hercúleos de carne e osso, acreditamos que a academia poderia falar dos discursos que visualizam competições, disputas e jogos; por outro lado, secundamos com sua avaliação ao referir-se a Roger Caillois, que, já nos anos 1930, insistia em que “o atletismo pertence à dimensão do sagrado”.² Ora, se a prática esportiva tem alguma coisa a ver com o sagrado, inserida na poesia, ela o incorpora duplamente, já que, para nós, a poesia habita e erige o sagrado. Concordamos, portanto, porque temos em mente a poesia, ela mesma, e, entre muitos, o poeta Píndaro, que, segundo o próprio Gumbrecht, deu início à poesia europeia quando começou seus elogios poéticos aos atletas em suas odes.³

Mas, elogios à parte, a hipótese de Gumbrecht nos parece um pouco exagerada; pensamos que, pela paixão, o acadêmico entusiasta se equivoca. Em primeiro lugar, ele se esquece de Homero; em segundo lugar, quando, ainda na página 25, afirma que Píndaro fala dos atletas “em termos genéricos”. O julgamento é injusto, pois, se na poesia pindárica os nomes e prêmios são dados com parcimônia, não se pode negar que nela, sem dúvida, o “príncipe dos poetas gregos” lança luz sobre o início do atletismo na Grécia. E, tal como afirma Manning, sem dúvida, já na Antiguidade “[a]s odes de Píndaro, que celebram vitórias na corrida de cavalos, fornecem evidências suficientes de um profissionalismo”.⁴ As odes, os epinícios e os hinos, em seu conjunto, não somente falam de profissionais treinados – o lutador Milésias de Atenas, por exemplo, teria vencido 30 vezes (e com essa cifra não seria, evidentemente, um amador)⁵ – como também de famílias inteiras devotadas ao esporte desde seus ancestrais míticos.⁶

A introdução de treinos e treinadores profissionais é, por conseguinte, uma inovação importante registrada nos poemas de Píndaro e talvez por isso, aos olhos de Gumbrecht, o autor se destaque. É também por causa desse profissionalismo que um dado interessante e propício para nos fazer apreciar melhor a cultura de que falamos pode ser mencionado: nas corridas de carro, esporte da classe mais abastada, o nome do atleta condutor não será comumente evidenciado, em situação incômoda aludida por Gumbrecht acerca da poesia pindárica. Todavia, no nosso ponto de vista, isso não significa um desinteresse para com o desportista nem para com sua modalidade de esporte. É

² Palavras de Gumbrecht comentando opinião de Caillois. O crítico, entretanto, não cita a fonte diretamente e não dá a referência precisa da obra do antropólogo.

³ GUMBRECHT. *Elogio da beleza atlética*, p. 25.

⁴ “The odes of Pindar which celebrate victories in horse racing furnish clearer evidences of professionalism” (MANNING. *Professionalism in Greek athletics*, p. 75).

⁵ Cf. a *Oitava Olímpica* de Píndaro, 58-80.

⁶ Cf. a *Terceira Pítica* dedicada a Hierão de Siracusa.

preciso que se considere (ou que se projete, com base em dados históricos, para os nossos dias) o pensamento então vigente. Por certo, observando suas práticas, saberemos que o vencedor seria sempre o proprietário do carro e dos cavalos, nunca o auriga: tempos de aristocracia.

O mesmo tipo de raciocínio teria favorecido o que Manning informa, a saber, que antes das Guerras Greco-Pérsicas, a maioria dos atletas famosos (entre eles Milo e Faulos, ambos de Crotona) era mantida pelo Estado, como uma espécie de funcionários do governo; todavia, o risco de um afeamento advindo de golpes inesperados decorrentes de lutas, quedas ou acidentes de todo o tipo teria afastado muitos diletantes amadores e, da mesma maneira, muitas famílias de aristocratas das competições.

Passadas as guerras, não se faziam necessários tantos treinamentos físicos; desse modo, as competições se voltaram para os exercícios poéticos nos festivais, banquetes e outros modismos.⁷ Mas não se entenda isso como o fim do atletismo, seja ele profissional ou amador. Que nossa experiência com o esporte moderno não sirva de base para a apreciação do atletismo numa cultura agônica.⁸ Pautemo-nos pela cerâmica e a estatuária gregas, prova contundente do gosto intenso dos gregos pelo desportismo. Ademais, vale recordar que, contrariando a noção de que se competia pelo simples desejo de glória, os prêmios destinados aos vencedores eram muitos e de alto valor: a homenagem pública com uma coroa tecida de alguma planta local; a permissão para se instalar uma estátua do vencedor em local sagrado; a composição de odes, hinos e epinícios em louvor de ganhador; a possibilidade de um prêmio financeiro significativo (Sólon menciona uma gratificação de 500 dracmas para o vencedor dos jogos olímpicos e 100 para os demais jogos); a concessão de uma “cadeira cativa” nas funções públicas e religiosas e, finalmente, a garantia de refeições a expensas do Estado pelo o resto da vida do vitorioso.⁹

Entretanto, limitemo-nos: este ensaio consistirá em reflexões literárias e históricas sobre os esportes nos arquivos-poemas homéricos, priorizando histórias de guerra e regresso cantadas pelos aedos antigos e não elogios ou análises de desempenhos físicos de críticos e técnicos de competições. O atletismo será um motivo para conhecer a cultura e exaltar o poeta. Seremos espectadores de palavras, apreciadores de imagens sonoras. De certa forma, assumimos que vamos discorrer mais sobre história e literatura, nosso lugar de elocução, sem esconder o fascínio acerca das “descrições detalhadas e coloridas dos carros velozes e das bravas façanhas”¹⁰ dos heróis de antanho. Esse deslumbramento passa também pela hipótese, sugerida por Finley,¹¹ de acolher os poemas homéricos não apenas como mera ficção poética; mas como manifestação do pensamento e da sociedade neles representada. Nesse sentido, eles são históricos e acrescentam uma dimensão importante aos vestígios materiais que constituem a documentação primordial para o

⁷ MANNING. *Professionalism in Greek athletics*, p. 76.

⁸ “The introduction of professional trainers is an important innovation, but it does not mean the end of amateur athletics, as we can see by our own experience in modern sports” (MANNING. *Professionalism in Greek athletics*, p. 75).

⁹ MANNING. *Professionalism in Greek athletics*, p. 75.

¹⁰ GUMBRECHT. *Elogio da beleza atlética*, p. 26.

¹¹ FINLEY. *Os gregos antigos*, p. 22.

estudo do período em questão, celebrando as façanhas e o modo de vida dos gregos e dos heróis que passaram a ser os ancestrais dos aristocratas que dominaram aquela sociedade desde o século VIII a.C. e que constituíram o público para os quais *aedos* compuseram seus cantos.¹² Assim, temos a cultura representada, em relação aos grupos aristocráticos, tanto na função do emissor quanto naquela reservada para os receptores dos poemas.

Pois bem, acerca desses estratos e funções sociais, podemos afirmar que, na época heroica, os gregos aristocráticos realmente demonstram seu apreço pelos esportes e combates, embora não haja nos poemas qualquer menção a festivais regulares de atletismo.¹³ Isto para nós é bom. Estaremos no âmbito de atletas e espectadores apaixonados – diletantes – e seremos controlados apenas pelo texto. Assumimos: somos viciados pelo jogo da beleza e,

[p]ara viciar [nesse] esporte, basta uma distância entre o atleta [poeta] e o espectador [leitor] – uma distância grande o suficiente para fazer o espectador acreditar que seus heróis vivem em outro mundo. É assim que os atletas se transformam em objetos de admiração e desejo.¹⁴

Os jogos a que vamos agora assistir ocorrem em dois grandes momentos: as disputas para a celebração dos funerais de Pátroclo¹⁵ e as competições em Esquéria.¹⁶ As duas situações estão recheadas de luto, dor e limitação; os jogos entram, nesse contexto, como “procedimentos curativos” que provocam a libertação, a catarse dessas afecções, desses estados de morbidez.

Começamos por Ulisses, que retorna da guerra em direção a Ítaca, no canto 8 da *Odisseia*, depois da sua longa ausência na companhia da ninfa Calipso, em Ogígia. De volta, o treinamento do astuto guerreiro para enfrentar os jogos de que vamos falar foi atravessar a nado o mar sob fortes tempestades. Nessa ocasião, seu adversário foi o próprio Poseidon. Durante o trajeto, Ulisses, ressabiado, enfrenta Leucoteia, deixa-se vencer e, com a ajuda da ninfa, chega a Esquéria, onde fica a corte do rei Alcínoo, governante dos feácios, povo extraordinário que vive dos jogos físicos e dos jogos da palavra. Estes são, segundo Pierre Carlier, os primeiros homens comedores de pão com quem o filho de Laertes, de volta à sua pequena ilha, estabelece contato após a morte de seus companheiros. Eles “vivem numa sociedade plenamente humana e a sua comunidade é a mais organizada de todas aquelas que Homero descreve”.¹⁷ São praticantes dos cantos, dos jogos e da arte da navegação; sua tecnologia náutica é avançadíssima.¹⁸ Eis um comentário curioso para nós, neste artigo-espetáculo poético-atlético, pois indica que as culturas, nos termos de Carlier, “plenamente humanas”, dedicam-se intensamente ao esporte (e ao culto e prazer

¹² Cf. SCHEID-TISSINIER. *L'homme grec aux origines de La cité (900-700 av. J.-C.)*, p. 7.

¹³ MANNING. *Professionalism in Greek athletics*, p. 74.

¹⁴ GUMBRECHT. *Elogio da beleza atlética*, p. 16.

¹⁵ HOMERO. *Ilíada*, 23, 257ss.

¹⁶ HOMERO. *Odisseia*, 8.

¹⁷ CARLIER. *Homero*, p. 158.

¹⁸ VIDAL-NAQUET. *O mundo de Homero*, p. 17.

da palavra). É nessa sociedade, tida por alguns especialistas como utópica,¹⁹ que, primeiramente, iremos contemplar algumas práticas esportivas, as que ocorrem nos jogos comemorativos à chegada de Ulisses. Nessa situação, vamos focalizá-lo não condição de um herói protocolonial, conforme Irad Malkin o concebe,²⁰ nem como o quer Homero, um eversor de cidades,²¹ mas como um herói atleta que, durante o banquete oferecido por Alcínoo, demonstra a sua exímia habilidade nas práticas esportivas que englobam a luta, o pugilato, o salto, o lançamento de disco, a corrida e o jogo de bolas. Dessas modalidades, somente o jogo de bolas não figura entre as disputas nos jogos helênicos mais tradicionais, a saber: os olímpicos, os nemeicos, os píticos, os ístmicos e também, no caso específico dos atenienses, as Grandes Panateneias.

Entretanto, as práticas esportivas estavam culturalmente associadas a um espaço de ação que era essencialmente masculino, se transformando num *locus* privilegiado para a construção e reprodução de identidades dominantes, isto é, de identidades masculinas e heterossexuais.²² A vinculação entre práticas esportivas e a masculinidade também está presente em uma das falas de Ulisses, que diz: “Mas quero ver e ser testado em combate. Em tudo que é jogo de macho, em todos, não sou mau.”²³

Ulisses é caracterizado, no decorrer do canto 8, como portador dos seguintes atributos: aparência bela – em contraste com a situação de enfrentamento do ciclope Polifemo em que ele é mostrado como um “baixinho de pernas tortas”²⁴ –, temido, considerado, vencedor,²⁵ possuidor de bom corpo, garboso nas coxas, forte nas pernas, bravo nos braços, perfeito no peito²⁶ e hábil nos jogos.²⁷ Logo, o nosso atleta possui todas as virtudes que serão eternizadas como heroicas e almejadas, no decorrer da *pólis*, por todo o corpo cívico. Mas não nos esqueçamos: o filho de Laertes é – no trecho – obra de Atena. Mesmo Ulisses já tendo todos os traços essenciais a um herói ex-combatente em Troia, ele sofre o efeito de uma transformação proporcionada pela deusa. Após essa ação, Ulisses é descrito da seguinte forma:

E rápido se encheram as arenas e assentos de gente
apinhada; e lá, os muitos que viam, com o filho
sagaz de Laertes pasmavam; e, nele lá, despejou Atena
graça divina na cabeça e nos ombros
e ele – de ver – mais alto e parrudo ficou,
assim, aos feácios todos, querido se fez,

¹⁹ MALKIN. *The returns of Odysseus: colonization and ethnicity*, p. 3-5; consultar também CARLIER. *Homero*, p. 160-61.

²⁰ Ulisses é visto como um herói protocolonizador por ser aquele que não se fixa nos locais conquistados.

²¹ HOMERO. *Odisseia*, v. 3.

²² GUILIANOTTI. *Sport: a critical sociology*, p. 80.

²³ HOMERO. *Odisseia*, 8, v. 213-214. Tradução nossa para: ἀλλ' ἐθέλω ἴδμεν καὶ πειρηθῆμεναι ἄντην / πάντα γὰρ οὐ κακός εἰμι, μετ' ἀνδράσιν ὅσοι ἄεθλοι.

²⁴ HOMERO. *Odisseia*, 9, 513-516.

²⁵ HOMERO. *Odisseia*, 8, 17-23.

²⁶ HOMERO. *Odisseia*, 8, 134-37.

²⁷ HOMERO. *Odisseia*, 8, 178-185.

invencível, respeitado e temível nos muitos
jogos que contra Ulisses os feácios tentassem.²⁸

Os homeristas A. Heubeck, S. West e J. B. Hainsworth,²⁹ comentando essa passagem – levando em conta que a épica não tivesse modos de descrever o estado mental da personagem – afirmam que o trecho manifesta a firmeza interior (*confidence*) de Ulisses. Ora, acreditamos que não se trata apenas de autoconfiança. Para nós, o poeta utiliza esses recursos externos para transportar-nos para a dimensão do sagrado, inerente ao espaço dos jogos no mundo antigo de que falávamos anteriormente. Como poderíamos explicá-la? Adrián Cangi pode nos ajudar. No seu ensaio introdutório à versão castelhana do livro *Variaciones sobre el cuerpo*, de Michel Serres, Cangi afirma o seguinte:

O corpo – diz Serres – se conhece na sua exposição ao mundo, na sua atividade mais intensa. Em movimento, o corpo unifica os sentidos como uma membrana, transforma-se em um pedaço de rocha no alpinista ou em um redemoinho de água no nadador. A “transubstanciação” sensorial do corpo se conhece pela articulação dos sentidos no movimento de gestos extremos, nas práticas intermináveis de força e adaptação ao meio. Por ele o filósofo diz que “específico, particular, original, tudo o corpo inventa; a cabeça gosta de repetir. Ela tola; ele, genial”.³⁰

Transubstanciação: o corpo se torna a substância do meio; corpo e cosmos, o espaço sagrado em que habitamos, são um e isso nos permite compreender o que diz Serres: “O que podem nossos corpos? – Quase tudo. [...] a] vista toca e o tato vê.”³¹ O porte atlético de Ulisses, produzido pela divindade, fica evidenciado – divinizado – antes mesmo que ele inicie o combate.

Retomando as reflexões de Gumbrecht, agora em outro ensaio, também de 2007,³² diremos que, ao entrar na dimensão do sagrado, o atletismo é uma das mais populares *estratégias de reencantamento* do mundo contemporâneo. Tanto o esporte como seus locais

²⁸ HOMERO. *Odisseia*, 8, vv. 17-24. Tradução nossa para:

καρπαλίμως δ' ἔμπληντο βροτῶν ἀγοραί τε καὶ ἔδραι
ἀγρομένων: πολλοὶ δ' ἄρ' θηήσαντο ἰδόντες
υἱὸν Λαέρταο δαίφρονα: τῶ δ' ἄρ' Ἀθήνη
θεσπεσίην κατέχευε χάριν κεφαλῇ τε καὶ ὤμοις
καὶ μιν μακρότερον καὶ πάσσονα θῆχεν ἰδέσθαι,
ὥς κεν Φαίηκεσσι φίλος πάντεσσι γένοιτο
δεινός τ' αἰδοῖός τε, καὶ ἐκτελέσειεν ἀέθλους
πολλούς, τοὺς Φαίηκες ἐπειρήσαντ' Ὀδυσῆος.

²⁹ HEUBECK; WEST; HAINSWORTH. *A commentary on Homer's Odyssey*, p. 347.

³⁰ “El cuerpo – nos dice Serres – se conoce en la exposición al mundo, en la más intensa actividad. En movimiento, el cuerpo unifica los sentidos como membrana, transformándose en un pedazo de roca en el escalador o en un torbellino de agua en el nadador. La ‘transustanciación’ sensorial del cuerpo se conoce por la articulación de los sentidos en el movimiento de gestos extremos, en las prácticas interminables de fuerza y adaptación al medio. Por ello el filósofo afirma que ‘específico, particular, original, todo el cuerpo inventa; a la cabeza le gusta repetir. Ella, tonta; el, genial’” (CANGI. *Escribir el cuerpo: indicios, querellas y variaciones*, p. 11, tradução nossa).

³¹ Tradução nossa para: “Qué es lo que pueden nuestros cuerpos? Casi todo. (...) la vista toca e el tacto ve” (SERRES. *Variaciones sobre el cuerpo*, p. 53 e 46, respectivamente).

³² GUMBRECHT. “Perdido numa intensidade focada”: esportes e estratégias de reencantamento, p. 11-19.

de acontecimento – os estádios que com frequência recebem hoje cultos religiosos. Assim, eles produzem “momentos especialmente inspirados, momentos que desafiam qualquer explicação racional”.³³ O teórico explica:

Em quatro breves reflexões tentarei retomar algumas características de um mundo anteriormente “encantado” que recuperamos – na maioria das vezes de maneira inconsciente – quando praticamos ou assistimos a atividades esportivas. Primeiro, vou me concentrar na performance do atleta como um evento que possibilita a ocorrência de (algo equivalente a) milagres, para, em segundo lugar, tentar identificar componentes de reencantamento, principalmente efeitos de “epifania” vivenciados pelo espectador. A terceira parte tratará do estádio como lugar “sagrado”, e, para concluir, descreverei um tipo específico de “gratidão” que vincula muitos espectadores à presença e à memória de seus atletas favoritos.

Não vamos desenvolver a teorização de Gumbrecht. Confiram, por favor, os leitores, a indicação dos textos de Gumbrecht nas referências. Nosso foco é o Ulisses de Homero e seu poder arrebatador enquanto atleta.

Após os convivas se deleitarem com o banquete – farto em comidas, bebidas e música e danças – oferecido por Alcínoo, após o canto do *aedo* Demódoco, que rememora os amores dos deuses e as façanhas guerreiras em Troia, as provas atléticas são iniciadas. O propósito do rei é claro: que se fizesse memória da excelência de Esquéria no pugilato, na luta, no salto e na corrida.³⁴ Fora do palácio, jovens da nobreza se preparavam para competir; mais uma vez, são tempos de aristocracia. Até mesmo porque, as competições atléticas demandavam a *skholé*, o tempo livre para o seu exercício. A *skholé* está associada a um ideal de educação (*paideía*) pensado para os grupos abastados, cujas práticas esportivas ganham destaque. A frequência aos ginásios e às palestras exigia a *skholé*. Desse modo, podemos afirmar que o *kalós kagathós* (o sujeito bom e competente) é, essencialmente, um esportista. E Ulisses não fugiria a essa regra.

O poeta se incumba de listar os vários jovens feácios num pequeno catálogo de atletas. Sua beleza é extraordinária; suas formas são perfeitas; eles irão competir nas diversas modalidades (na corrida vencerá Clitônio – v. 123; na luta Euríalo – v. 126-127; no salto Anfíalo – v. 127-128; no disco Elatreu – v. 128-129; no pugilato Laodamante – v. 129-130). E competiam juntos os mais velhos e os mais jovens.³⁵ No caso específico dos jogos helênicos, tal situação não possui um correlato, pois a honra da disputa estava em se competir entre iguais (*ísoi*). Vencer um *diferente*, seja em força e/ou idade, não constitui algo honroso.³⁶

³⁴ HOMERO. *Odisseia*, 8, 100-103.

³⁵ BEYE. *Ulisses: uma vida*, p. 155.

³⁶ Na *Iliada*, da mesma forma, nos jogos em honra a Pátroclo, favorecido pelos deuses, Menelau, o mais velho dentre os competidores, vence Diomedes e Ulisses na corrida de carros (HOMERO. *Iliada* 23, 257-897). Percebe-se então que a habilidade esportiva fica condicionada a uma hierarquização de valores com base nos aspectos religiosos da cultura épica e que o *aedo* toma a superioridade evidente da juventude e rebaixa-a para louvar o prestígio dos mais velhos da aristocracia guerreira. À vitória de Menelau, e talvez à de Ulisses, corresponde uma informação de um aspecto político: era necessário, para dar sentido à lógica de superioridade do *anáx*, mostrar que a diferença física instaurada na competição pode ser ultrapassada pela função e valor hierárquico.

Mas Ulisses, até ser desafiado por Euríalo, limita-se a assistir às competições. Laodamante, o filho de Alcínoo, tem a iniciativa de convidá-lo a participar das disputas, incita-o com elogios e insiste: “e vejo: pareces um atleta. Pois então, acaso há glória maior para um macho que uma que seja feita com os pés e mãos próprias?”³⁷

Frente a tal situação, Ulisses argumenta que os contratemplos que enfrentara, a dor que sentia e o desejo de retornar para casa não o deixavam em situação favorável para participar das provas atléticas.³⁸ Mas, na sequência, o jovem Euríalo o incita com provocações e insultos. Observemos a passagem abaixo:

Não por isso, forasteiro, não pareces brilhante e treinado
em jogos, os tantos e muitos que os homens disputam,
mas antes um vai-e-volta em naus bem remadas,
chefe de taifa que é traficante ou talvez
vigia de carga e fatura e de mercancia,
cuidoso de lucro; não... com atleta não te pareces.³⁹

A fala de Euríalo enfatiza pelo menos dois traços específicos à prática esportiva no mundo antigo grego. Primeiro, a variedade das muitas modalidades; segundo, o fato de que a habilidade na prática atlética se restringe ao grupo social dos “bem-nascidos” que podem dispor do tempo livre necessário para se dedicar a tal prática. Fica claro que, de acordo com o personagem, Ulisses é um mercador, um marinheiro qualquer e que, por isso, está inapto para os jogos. Incontinenti, o filho de Laertes reage, repreende Euríalo e afirma ser, ele mesmo, forte, corajoso e hábil nas provas atléticas.⁴⁰

ingênuo nos jogos, não sou
como tu arrotas, mas dos primeiros, creio, eu era,
quando fiava na mocidade e nos braços meus.
Mas agora, penares e males carrego. Já muito passei.
Combates de homens e vagas penosas sofri.
Mesmo assim, por muitos males sofrido, provarei dos jogos,
já que, dizendo pro peito palavra mordaz, me provocas.
Aí, sem nem tirar o manto dele, pega um disco
maciço, o maior, o mais pesado – e não pouco! –
dos que os feácios tinham lançado entre si.
E da mão ele logo vai, pesado, de rodopio
zumbou que nem pedra! Pra terra encolhem
os Feácios remeiros, os famosos machos marinheiros

³⁷ HOMERO. *Odisseia* 8, 146-48. Tradução nossa para: ἔοικε δέ σ' ἴδμεν ἀέθλους: οὐ μὲν γὰρ μεῖζον κλέος ἀνέρος ὄφρα κ' ἔησιν, ἢ ὅ τι ποσσίν τε ῥέξῃ καὶ χερσὶν ἔησιν.

³⁸ HOMERO. *Odisseia*, 8, 153-57; Cf. também os comentários de BEYE. *Ulisses: uma vida*, p. 155.

³⁹ HOMERO. *Odisseia*, 8, vv. 159-64. Tradução nossa para:

“οὐ γὰρ σ' οὐδέ, ξείνε, δαήμονι φωτὶ εἴσκω
ἄθλων, δία τε πολλὰ μετ' ἀνθρώποισι πέλονται,
ἀλλὰ τῶ ὅς θ' ἅμα νηὶ πολυκληῖδι θαμίζων,
ἄρχος ναυτῶν ὃ τε πρηκτῆρες ἔασι,
φόρτου τε μνήμων καὶ ἐπίσκοπος ἦσιν ὁδαίων
κερδέων θ' ἀρπαλέων: οὐδ' ἀθλητῆρι ἔοικας.”

⁴⁰ HOMERO. *Odisseia*, 8, 179-193.

pela saraivada e ele sobrevoa todas as marcas,
viaja rápido, saído da mão.⁴¹

Que seja! Superem-se os traumas, curem-se as feridas e liberte-se o atleta. O desânimo de um peito repleto de pesares (v. 153) com as afrontas de Euríalo, reativamente, converteu-se em energia e movimento; o triste decidiu que, mesmo curtido pelas dores, arriscará novas disputas. Subitamente, levanta-se e, de manto ainda, toma um disco enorme e robusto, o mais pesado – e não pouco – do que aqueles que os feácios costumavam lançar entre si. Outra vez apelamos para A. Heubeck, S. West e J. B. Hainsworth,⁴² os quais afirmam que, nesse ponto, para o herói, a mudança de comportamento é imperativa. Podemos atentar para a expressão “e mesmo vestido” usada pelo poeta para mostrar o ímpeto do Laertida. A nudez é condição para a prática atlética entre os gregos. Há um consenso entre os especialistas contemporâneos, construído a partir da análise de documentos de diversas naturezas, de que os atletas helênicos de qualquer idade competiam nus. A nudez explicitava a distinção entre fortes e fracos, além de civilizados e *bárbaros*, já que estes últimos competiam vestidos.⁴³ Gumbrecht afirma que:

[o]s atletas participavam nus dos jogos pan-helênicos e como a nudez só veio a se tornar obrigatória vários séculos depois do início dessa tradição atlética, sabemos que atuar nu era uma regra cultural, não um sintoma do arcaísmo da sociedade. Antes das competições, os atletas espalhavam óleo sobre a pele, prática de alguns historiadores explicaram como uma estratégia competitiva, especialmente para a luta livre, ou como um artifício para melhorar o desempenho. Não estou convencido, porém, de que a vantagem estratégica fosse o motivo mais importante. O óleo fazia os corpos nus dos atletas reluzirem com o reflexo da luz do sol, e essa aura tão palpável os distinguia dos homens comuns.⁴⁴

Mas o protegido de Atena não necessitava de qualquer outro artifício que não o apoio da filha de Zeus. E embora *xéinos*, Ulisses é um *philos*. De acordo com David Konstan, o adjetivo *philos* seleciona entre os *xénoi*, ou desconhecidos, aqueles com quem as relações de hospitalidade são reconhecidas. Na epopeia, aliás, a expectativa de que os

⁴¹ HOMERO. *Odisseia*, 8, 179-193. Tradução nossa para:

“ἐγὼ δ’ οὐ νῆϊς ἀέθλων,
ὡς σύ γε μυθεῖαι, ἀλλ’ ἐν πρώτοισιν οἴω
ἔμμεναι, ὄφρ’ ἦβη τε πεποίθεα χερσὶ τ’ ἐμῆσι.
νῦν δ’ ἔχομαι κακότητι καὶ ἄλγεσι: πολλὰ γὰρ ἔτλην
ἀνδρῶν τε πτολέμους ἀλεγεινά τε κύματα πείρων.
ἀλλὰ καὶ ὡς, κακὰ πολλὰ παθὼν, πειρήσομ’ ἀέθλων:
θυμοδακῆς γὰρ μῦθος, ἐπότρυνας δέ με εἰπών.”
ἦ ῥα καὶ αὐτῷ φάρει ἀναίξας λάβε δίσκον
μείζονα καὶ πάχετον, στιβαρώτερον οὐκ ὀλίγον περ
ἢ οἴω Φαίηκες ἐδίσκεον ἀλλήλοισι.
τόν ῥα περιστρέψας ἦκε στιβαρῆς ἀπὸ χειρός,
βόμβησεν δὲ λίθος: κατὰ δ’ ἐπηξεν ποτὶ γαίῃ
Φαίηκες δολιχῆρετμοι, ναυσίκλυτοι ἄνδρες,
λαῶς ὑπὸ ῥιπῆς: ὁ δ’ ὑπέρπτατο σήματα πάντων
ρίμφα θεῶν ἀπὸ χειρός.”

⁴² HEUBECK; WEST; HAINSWORTH. *A commentary on Homer’s Odyssey*, p. 357.

⁴³ SENNETT. *Carne e pedra*, p. 30; LESSA. *Esporte e construção de identidades*, p. 117-118.

⁴⁴ GUMBRECHT. *Elogio da beleza atlética*, p. 72.

desconhecidos sejam recebidos de uma maneira hospitaleira é lei de Zeus.⁴⁵ Podemos, dessa forma, traduzir o termo *phílos* como “amizade-de-hóspede”.⁴⁶

Ulisses é um herói *eternizado* (divinizado?) pelos seus feitos entre gregos antigos e modernos e também entre os ocidentais do mundo contemporâneo. Ele é forte, ágil, corajoso, atleta, destemido, como todos os heróis o foram. Porém, Ulisses não é o que poderíamos chamar de herói comum, visto que seu maior atributo não é a força, mas a *métis*, a astúcia; qualidade que o mundo helênico reservará às mulheres. A *métis* o distinguirá, inclusive, nas provas esportivas. Ulisses integra em suas provas de atletismo a prudência e astúcia. Prudentemente, ele diz:

com os machos ancestrais, competir eu não quero
nem com Héacles, nem Eurito da Ecália. Eles, sim,
pela flecha e arco até com imortais competiram.⁴⁷

Prudência e devoção se manifestam também quando ele disputa a prova de agilidade de pés (a corrida) com o enorme Ájax,⁴⁸ que, por intervenção de Atena, escorrega no esterco de bois tornando-se motivo de riso e a contragosto, deixando, para o laertida, a vitória e a valiosíssima bacia de prata vinda de Sídon para o resgate de Licáon.⁴⁹

Assim falou. E logo se levanta o ágil Ájax,
e mais o atinado Ulisses e, depois, o filho de Nestor,
Antíloco.⁵⁰

Nicholas Richardson⁵¹ comenta o epíteto utilizado para caracterizar Ulisses no verso 755, *πολύμητις*, que traduzimos por atinado, muito cheio de tino. Segundo ele, “aqui também, como no verso 709 e seguintes, a inteligência de Odisseu será apresentada no desenvolvimento da narrativa e o epíteto é utilizado de forma funcional”.⁵² Com agilidade, Ulisses quase supera Ájax; seus pés seguiam o rastro do filho de Oileu; seu hálito era sentido por ele. Todos gritavam e aplaudiam.⁵³ Contudo, o rei de Ítaca não vence até que intervenha Atena. Assim,

⁴⁵ HOMERO. *Odisseia*, 9, 270.

⁴⁶ KONSTAN. *A amizade no mundo clássico*, p. 48 e 52.

⁴⁷ HOMERO. *Odisseia*, 8, 223-25. Tradução nossa para:
ἀνδράσι δὲ προτέροισιν ἐριζέμεν οὐκ ἔθελήσω,
οὔθ' Ἡρακλῆϊ οὔτ' Εὐρύτω Οἰχαλιῆϊ,
οἱ ῥα καὶ ἀθανάτοισιν ἐρίζεσκον περὶ τόξων.

⁴⁸ HOMERO. *Ilíada*, 23, v.740-784.

⁴⁹ HOMERO. *Ilíada*, 23, v. 740-745.

⁵⁰ Nossa tradução dos versos 754-756:

ὡς ἔφατ', ὄρνυτο δ' αὐτικ' Ὀϊλῆος ταχὺς Αἴας,
ἄν δ' Ὀδυσσεὺς πολύμητις, ἔπειτα δὲ Νέστορος υἱὸς
Ἀντίλοχος.

⁵¹ RICHARDSON. *The Iliad: a commentary*, p. 252.

⁵² “Here too as at 709ff. Odysseus’ intelligence will be shown in what ensues, and the epithet is functional” (RICHARDSON. *The Iliad: a commentary*, p. 252, tradução nossa).

⁵³ HOMERO. *Odisseia* 8, v. 740-745.

[a] última e decisiva etapa da corrida é descrita em duas seções de cinco versos cada, ambas introduzidas por ἄλλ' ὅτε δὴ (vv. 768- 772, 773-777) e seguidas pelo resultado de dois versos conclusivos (vv.778-779). Na primeira Odisseu reza silenciosamente para Atena, que responde dando-lhe uma explosão de velocidade, o ímpeto de um corredor em final de corrida. Na segunda, Atena faz Ájax escorregar no esterco de boi bem na reta final. Odisseu então apanha a bacia que, evidentemente, estava bem na chegada de modo que o vencedor fosse o primeiro alcançá-la e Ájax conforma-se com o boi já que ele era o segundo prêmio.

(...)

Do ponto de vista do espectador, Atena *representa* a μῆτις de Odisseu que o habilita para perceber quando arrojarse e, por esta ação, distrair Ájax que escorrega e cai (cf. Kohnken, *op. cit.* 141). Todavia o poeta encara as coisas de forma diferente e por duas vezes se esforça para apontar uma moral para nós (vv. 782-783 e 787-792).⁵⁴

Mas, acima de tudo, o trecho deixa claro: estar na presença imediata da grandeza atlética, seja ela física, moral, intelectual ou devocional significava, para os antigos, estar perto dos deuses.⁵⁵ Destarte, a regra se desfaz na cortesia e divertimento social, a lei moral se une ao sagrado, a lucidez pede auxílio e, ao vigor corporal, sobrepõe a consciência do limite que solicita o socorro.



ABSTRACT

We propose here some literary and historical reflections on sports in the archives-Homeric poems prioritizing stories concerning both war and the return of the Greek bard, not the eulogy or the analysis of physical performances of criticism theorists and spectators of competitions. We aim, following Hans Ulrich Gumbrecht, to grasp the meaning of the sacred space of games through the intimacy between Ulysses and Athena, the strategist goddess.

KEYWORDS

Athletic contests, games, Homeric poems

⁵⁴ “The last and decisive stage of the race is described in two sections of five verses each, both introduced by ἄλλ' ὅτε δὴ (768-72, 773-7), followed by the result in two concluding verses (778-9). In the first Odysseus prays silently to Athene, who responds by giving him an extra burst of speed, the spurt of the runner at the end of a race. In the second Athene causes Aias to slip in the cow-dung at the very last moment. Odysseus then takes up the bowl, which evidently stood right at the finish so that the winner was the first to seize it, and Aias takes hold of the ox as second prize. (...) From a spectator’s viewpoint Athene *represents* Odysseus’ μῆτις, which enables him to know when to put on the spurt, and this action distracts Aias, who slips and falls (cf. kohnken, *op. cit.* 141). But the poet sees things differently, and he is at pains to point the moral for us twice (782-3 and 787-92)” (RICHARDSON. *The Iliad: a commentary*, p. 254-255, tradução nossa).

⁵⁵ Confirma-se essa mesma ideia aplicada para a obra de Píndaro. GUMBRECHT. *Elogio da beleza atlética*, p. 74.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Eudoro de Sousa. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2008.
- AUBRETON, Robert *Introdução a Homero*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, 1956.
- BARBOSA, Tereza Virgínia R. Sangue, suor e vinho. In: BUSTAMANTE, Regina Maria C.; LESSA, Fábio de S. (Org.). *Memória & festa*. Rio de Janeiro. Mauad, 2005. p. 63-71.
- BARBOSA, Tereza Virgínia R. Por uma hermenêutica dos *tópoi* bíblicos. *Estudos Bíblicos*, n. 107, p. 11-24, 2010.
- BEYE, Charles R. *Ulisses: uma vida*. Trad. André Malta. São Paulo: Odysseus, 2006.
- CANGI, Adrián. Escribir el cuerpo: indicios, querellas y variaciones. In: SERRES, Michel. *Variaciones sobre el cuerpo*. Trad. Víctor Goldstein. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2011. p. 9-26.
- CARDOSO, Ciro Flammarion. A etnicidade grega: uma visão a partir de Xenofonte. *Phoênix*, Rio de Janeiro, v. 8, p. 75-94, 2002.
- CARLIER, Pierre. *Homero*. Trad. Fernanda Oliveira. Mem Martins: Publicações Europa-América, 2008.
- FINLEY, Moses I. *Os gregos antigos*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1988a.
- FINLEY, Moses I. *O mundo de Ulisses*. Trad. Armando Cerqueira. Lisboa: Presença, 1988b.
- GIULIANOTTI, Richard. *Sport: a critical sociology*. Cambridge: Polity Press, 2005.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. “Perdido numa intensidade focada”: esportes e estratégias de reencantamento. *Aletria*, Belo Horizonte, v. 15, p. 11-19, 2007a.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Elogio da beleza atlética*. Trad. Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras, 2007b.
- HEUBECK, Alfred; WEST, Sthefanie; HAINSWORTH, J. B. *A commentary on Homer’s Odyssey*. Oxford: Clarendon Press, 1990. v. I.
- HOMERO. *Odisseia*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
- HOMERO. *Odisseia*. Edição bilíngue. Trad. Donaldo Schüler. Porto Alegre: L&PM, 2007. 3 v.
- HOMERO. *Homeri Opera*. Allen, T. A. (Ed.). Oxford: Oxford University Press, 1989. Tomos I e II.
- HOMERO. *Ilíada*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- KONSTAN, David. *A amizade no mundo clássico*. Trad. Marcia Epstein Fiker. São Paulo: Odysseus, 2005.
- LESSA, Fábio de Souza. O Odisseu atleta entre os feácios: os jogos em Homero. In: LESSA, Fábio de Souza; BUSTAMANTE, Regina Maria Cunha. *Dialogando com Clio*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009. p. 77-86.
- LESSA, Fábio de Souza. Esporte e construção de identidades. In: CHEVITARESE, André; CORNELLI, Gabriele; SILVA, Maria Aparecida O. (Org.). *Tradição clássica e o Brasil*. Brasília: Archai-UnB/Fortium, 2008. p. 113-122.

- MALKIN, Irad. *The returns of Odysseus: colonization and ethnicity*. Berkeley: University of California Press, 1998.
- MANNING, Clarence Augustus. Professionalism in Greek athletics. *The Classical Weekly*, v. 11, n. 10, p. 74-76, 1917.
- PESCHANSKI, Catherine. Os bárbaros em confronto com o tempo (Heródoto, Tucídides, Xenofonte). In: CASSIN, Barbara *et al.* (Org.). *Gregos, bárbaros, estrangeiros – a cidade e seus outros*. Trad. Ana L. Oliveira e Lúcia C. Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993. p. 56-74.
- PÍNDARO. *Obra completa*. Edición e traducción de Emilio Suárez de la Torre. Madrid: Ediciones Cátedra, 2008.
- RICHARDSON, Nicholas. *The Iliad: a commentary*. KIRK, Geoffrey Stephen (Org.). Cambridge: Cambridge University Press, 1993. V. VI. Livros 21-24.
- SCHEID-TISSINIER, Evelyne. *L'homme grec aux origines de la cité (900-700 av. J.-C.)*. Paris: Armand Colin, 1999.
- SENNETT, Richard. *Carne e pedra*. Trad. Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- SERRES, Michel. *Variaciones sobre el cuerpo*. Trad. Víctor Goldstein. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2011.
- VIDAL-NAQUET, Pierre. *O mundo de Homero*. Trad. Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.